Série Memória 169

Editada pelo Governo do Estado do Amazonas / Secretaria de Estado da Cultura

A Ordenha

Almir Diniz*

Jornalista, prosador e poeta

Tremi nas bases quando o patriarca João Diniz autorizou:

– Solta o bezerro da "Baié", para o Almir.

"Baié" era uma vaca muito pequena e mansa. Ruim de leite, mas de tetas frouxas. E eu, andava aí pelos 6 anos de idade...

Era assim que tinha início o aprendizado de ordenhador na Fazenda "Acaraú". Assim, também, foi comigo. Fazenda Acaraú! Fazenda nada! Na verdade uma chácara, com aproximadamente 100 cabeças de bovinos, de raça indeterminada!

Mas fosse dizer na aldeia que aquilo não era Fazenda!...

Desde os 4 anos já acompanhava o pai e meus irmãos mais velhos na faina diária da "tiração" de leite. Mas só para liberar os bezerros, um a um, conforme o pedido.

Ir para o curral era a glória!

Acordar 4, no máximo 5 horas da manhã, para o ritual da ordenha era o jeito mais prático de afirmação de macheza e de orgulho que todo menino do interior, muito cedo, faz questão de ostentar. Claro, se souber, ao menos, o que é um curral.

Temeroso, esperei que um irmão de mais idade, o Arimar, arreasse o bezerro na perna dianteira direita da "Baié", para testar meus conhecimentos, até então teóricos, de ordenha.

O bezerro foi solto. Rápido encontrou a mãe. E com a força do desespero – passara a noite apartado dela – atacou as tetas com incrível violência, sugando e aplicando marradas no ventre da mãe-vaca. E ela pojou! O úbere, antes flácido, ganhou consistência, ficou cheio. Os peitos ficaram duros, firmes. O leite chegara. Esbanjando competência o mano introduziu o arreador entre o mamote e a vaca, deu duas voltas da corda na pata da "Baié", puxou o bezerro pelo pescoço, sujeitou-o no membro dianteiro da mãe. A seguir, comandou:

– Pega a lata. E não vai tibirar a vaca, hein!

Tibira, é vaca que dá pouco leite, logo, tibirar é deixar que a vaca, por inabilidade do ordenhador, "esconda" o leite. Processo em que, irritada pela demora da ordenha, ela, enfezada, recolhe o leite. Aí, só soltando o bezerro para fazê-la, outra vez, pojar!

Ora, eu via meu pai e meus irmãos em rápidas seringadas, não raro usando ambas as mãos, uma em cada teta, com rapidez e segurança esvaziarem os úberes das vacas, enchendo os baldes, em tempo recorde.

Disposto a imitá-los, segurei a primeira teta, apertei-a, fiz força. Qual nada! Um fio reticente e medroso de leite respondeu ao meu esforço. Decididamente eu iria tibirar a "Baié". E tibirei!

Minha primeira tentativa como ordenhador fora um completo e retumbante fracasso! Após longos minutos, meia hora, talvez, de continuada agonia, não havia no fundo do balde mais que meio litro de leite. Vergonha! E ainda tive o desprazer de observar os risinhos irônicos dos irmãos mais velhos ao contemplarem aquele pingo de leite no fundo do balde, sem nadinha de espuma. É que esta é formada, exatamente pela ação continuada do leite caindo, com força, no recipiente que o recolhe. Assim como clara do ovo só avulta e cresce segundo as batidas constantes e vigorosas da pá ou colher que a revolve.

Mas, um deles veio em meu socorro ensinando-me como prender o leite no alto da teta utilizando os dedos polegar e indicador. Preso o leite, é hora da pressão que deve ser rápida e forte.

A lição vingou. Contudo, nunca consegui libertar-me do fiasco da primeira ordenha.

ORDENHA

Embebia as mãos de leite,
enchendo a lata de vida,
num modesto ritual
de impensada criação.
Cada uma seringada,
tantas vezes repetida
se transformava em deleite,
caindo, fazendo espuma,
respingando pelo chão,
enfeitando a madrugada
de flocos brancos de nata
na animação do curral.

...

Depois que os bezerros passam
a porteira da prisão
e a vacada ganha espaço
nos campos de aluvião,
enchendo as patas de prata
da neblina derretida...,
a madrugada vencida
vai se escondendo, sorrindo,
na manhã que vem surgindo,
deixando o vaqueiro rindo
sob o peso do boião,
que comprova a ordenha feita
e atesta a missão cumprida.

* Autor de 25 títulos entre os quais:
Sob a Concha da Panacarica, Floradas da Alma e Nos Remansos da Saudade.

A juventude é uma das nossas maiores preocupações. Terá atenção especial com o fomento do esporte, espaços culturais e educacionais que possam assegurar a formação de gerações saudáveis e preparadas a vencer os desafios de um mundo globalizado e competitivo, proporcionando um futuro melhor para as nossas próximas gerações...

Eduardo Braga
Discurso proferido pelo Governador Eduardo Braga
na sessão solene de posse em 1º de janeiro de 2003.

8ª edição – n.º 169 – novembro–2009

Governador do Amazonas
EDUARDO BRAGA

Vice-Governador do Amazonas
OMAR AZIZ

Secretário de Estado da Cultura
ROBÉRIO BRAGA

Assessor de Edições
ANTÔNIO AUZIER

Comunicado

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas e da região Norte. O uso deste documento é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais – Lei n. 9.610/98.

Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõe a rede de Bibliotecas Públicas do Estado do Amazonas.

Contato

E-mail : acervodigitalsec@gmail.com

Av. Sete de Setembro, 1546 - Centro
69005.141 Manaus - Amazonas - Brasil
Tel.: 55 [92] 3131-2450
www.cultura.am.gov.br

Secretaria de
Cultura